



VEZES EM APUROS!

Tragicomédia da vida real

Crônicas



VEZES EM APUROS!

Tragicomédia da vida real

Crônicas

Antonio Augusto João



Rio de Janeiro

2012

33 VEZES EM APUROS!

Copyright © 2012, Antonio Auggusto João

Todos os direitos são reservados no Brasil



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br

Diagramação e Capa:

Control C – Impressos sob Demanda

Ilustração da Capa:

iStockphoto – by Colin Cramm Illustration & Animations

Impressão e Acabamento:

Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J58t

João, Antonio Auggusto, 1960-

33 vezes em apuros! : tragicomédia da vida real : crônicas / Antonio Auggusto
João. - Rio de Janeiro : PoD, 2012.

ISBN 978- 85-62331-94-7

1. Crônica brasileira. I. Título. II. Título: Trinta e três vezes em apuros! : tragicomédia da vida real : crônicas.

12-3458.

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

24.05.12 31.05.12

035786

O Menino

Vou fazer um apelo. É o caso de um menino desaparecido. Ele tem 11 anos, mas parece menos; pesa 30 quilos, mas parece menos; é brasileiro, mas parece menos. É um menino normal, ou seja: subnutrido, desses milhares de meninos que não pediram pra nascer; ao contrário: nasceram pra pedir. Calado demais pra sua idade, sofrido demais pra sua idade, com idade demais pra sua idade. É, como a maioria, um desses meninos de 11 anos que ainda não tiveram infância. Parece ser menor carente, mas, se é, não sabe disso. Nunca esteve na FEBEM, portanto, não teve tempo de aprender a ser criança-problema. Anda descalço por amor à bola. Suas roupas são de segunda mão, seus livros são de segunda mão e tem a desconfiança de que a sua própria história alguém já viveu antes. Do amor não correspondido pela professora, descobriu que viver dói. Viveu cada verso de "Romeu e Julieta", sem nunca ter lido a história. Foi Dom Quixote sem precisar de Cervantes e sabe, por intuição, que o mundo pode ser um inferno ou uma badalação, dependendo se ele é visto pelo Nelson Rodrigues ou pelo Gilberto Braga. De seu, tinha uma árvore, um estilingue zero quilômetro e um pássaro preto que cantava no dedo e dormia em seu quar-

to. Tímido até a ousadia, seus silêncios grita nos cantos da casa e seus prantos eram goteiras no telhado de sua alma. Trajava, na ocasião em que desapareceu, uns olhos pretos muito assustados e eu não digo isso pra ser original: é que a primeira coisa que chama a atenção no menino são os grandes olhos, desproporcionais ao tamanho do rosto. Mas usava calças curtas de caroá, suspensórios de elástico, camisa branca e um estranho boné que, embora seguro pelas orelhas teimasse em tombar pro nariz. Foi visto pela última vez com uma pipa na mão, mas é de todo improvável que a pipa o tenha empinado. Se bem que, sonhador de jeito que ele é não duvido nada. Seqüestrado, não foi, porque é um menino que nasceu sem resgate. Como vocês vêem, é um menino comum, desses que desaparecem às dezenas todos os dias. Mas se alguém souber de alguma notícia, me procure, por favor, por que... Ou eu encontro de novo esse menino que um dia eu fui, ou eu não sei o que vai ser de mim.

Chico Anysio

Eu, eu mesmo, Antonio, Auggusto, João e Deus.
Com esse "time", ninguém vai me vencer!

Antonio Auggusto João

Este livro é dedicado ao meu filho,

Gustavo Basílio João

As histórias deste livro, em forma de crônicas,
aconteceram em algum momento da minha vida.
E poderiam ser trágicas, se não fossem cômicas!

Antonio Augusto João

33 VEZES EM APUROS

Sumário

O Menino.....	5
01. >>> O galo.....	15
02. >>> O caminhão.....	18
03. >>> O sapato	21
04. >>> O lanche	24
05. >>> O lanterninha.....	27
06. >>> O rojão.....	30
07. >>> O jogo.....	33
08. >>> Sala especial.....	36
09. >>> O ônibus.....	39
10. >>> A calça.....	42
11. >>> O gato	45
12. >>> O plano.....	48
13. >>> O banho.....	51
14. >>> O pente.....	54
15. >>> O assalto	57
16. >>> O assalto II.....	60
17. >>> O mendigo	63
18. >>> O anjo da guarda.....	66
19. >>> O tiroteio.....	70
20. >>> O jantar.....	73
21. >>> O encontro.....	76
22. >>> A viagem.....	79
23. >>> locomotiva humana	83
24. >>> Trem lotado	86
25. >>> O assalto III.....	89
26. >>> A barata.....	93
27. >>> O circo	96
28. >>> O dentista.....	99
29. >>> O dedo.....	102
30. >>> O voo	105
31. >>> Apertado no trânsito	108
32. >>> A dor de barriga	111
33. >>> O aposentado.....	114
Contatos com o autor	117

01. >>> 0 galo

Todo sábado à tarde eu e minha mãe íamos até a casa do vizinho, o Seu Manolo, que vendia galinhas. Nós entrávamos no galinheiro e enquanto a minha mãe escolhia e negociava o preço, eu ficava dando uns cascudos nos galos. Eu sempre soube que os elefantes têm boa memória, mas galo! A concorrência era grande no galinheiro do Seu Manolo. Quem chegava primeiro escolhia as melhores galinhas. Quem chegava por último, ficava com aqueles franguinhos magrinhos. Dentro do galinheiro era um fedor insuportável. Além disso, o Seu Manolo criava porcos num chiqueiro que ficava ao lado do galinheiro, fazendo com que o fedor fosse maior ainda. Os vizinhos, assim como minha mãe, compravam as galinhas ou os frangos no sábado, matava-os, depenava-os, temperava-os, para que no domingo fosse o prato principal do almoço em família. A pior parte de toda essa história era quando, após a compra e o pagamento, a Dona Gení, esposa do Seu Manolo, matava as galinhas. Eu tinha a maior dó: Ela pegava no pescoço das galinhas e passava uma faca grande e afiada. Depois, minha mãe limpava e colocava num caldeirão grande com água fervendo, para poder depenar. Esse ritual eu assistia toda semana. Acho

que é por isso que eu não como frango em hipótese alguma, até hoje. Mas a minha maior bronca era com os galos. Eu ia calçado de chinelos no galinheiro e os galos eram doidos para me dar esporadas nos calcanhares. Eu tinha que ficar esperto. No galinheiro, existiam os poleiros, que ficavam na parte mais alta. Lá, ficavam as galinhas chocadeiras, sempre vigiadas pelos galos. As galinhas que seriam vendidas ficavam no chão cacarejando e só paravam quando o Seu Manolo jogava os grãos de milho, quando ficavam ciscando. Certa vez eu estava distraído enquanto minha mãe escolhia a galinha. O galo, aquele que nunca me esquecia, estava em cima do poleiro. Quando entrei no galinheiro, notei que ele ficou impaciente, andando de um lado para outro, nervoso, na bronca dos tantos cascudos que eu já havia dado na crista dele. Se ele pudesse falar, acredito que naquele dia ele teria me dito: *De hoje você não me escapa*. Então, como existiam vários clientes no galinheiro, o Seu Manolo me pediu para espalhar os grãos de milho no chão para as galinhas comerem. Eu estava com um olho nos grãos de milho e outro no galo, impaciente no alto do poleiro. Como o galinheiro era redondo, eu girava em círculo espalhando os grãos de milho. Quando cheguei perto do poleiro onde estava o galo, acabei me distraindo e me esqueci dele. Então, o galo começou a agir pondo em prática o plano que ele tanto tinha estudado, esquematizado e preparado, ou seja, ele deu um pulo nas minhas costas e grudou suas garras como se fossem esporas. Grudou e nem com os tabefes dado pelo Seu Manolo ele quis soltar. E o desgraçado se preparou tanto para aquilo, que nem suas unhas estavam cortadas. Eu comecei a girar de um lado para outro, tentando pegar no pescoço ou na crista para ele me

33 VEZES EM APUROS

soltar. Mas o galo era bom de briga e ainda por cima traíçoeiro. Se ele tivesse vindo no mano a mano, sem traiçagem, tudo bem, a gente iria ver quem era o melhor. Enfim, eu só consegui me desvencilhar daquela ave penosa quando minha mãe sacou de um pé de chinelo e foi necessário uma só chinelada bem na crista do galo. Na saída, eu olhei bem nos olhos dele e ele também olhou para mim, parecendo que um estivesse lendo o pensamento do outro, dizendo:

— Vai ter volta cuzão!

02. >>> O caminhão

Um dos principais sonhos de todo menino é aprender a dirigir quando crescer. Comigo não foi diferente. Meu pai tinha um caminhão e eu e meu irmão ficávamos esperando ele chegar do trabalho para poder dar uma volta no caminhão. Quando era possível, ficávamos dentro da cabine ensaiando, como se estivessemos dirigindo. Mexíamos no volante, nos pedais e simulávamos o barulho do motor com a boca. Na cabine, sonhávamos um dia poder dirigir o caminhão ou qualquer outro veículo de poderíamos ter. Assim, ficávamos sonhando. O problema era na hora de entrar no caminhão. A disputa era para ver quem iria ficar no volante. Era uma briga. Quem chegava primeiro, tinha o direito de ficar no volante. Quando meu pai demorava a chegar, ficávamos no portão de casa, olhando para um lado e outro, até que o caminhão apontava em um dos lados, na esquina, quando então saíamos correndo para poder entrar na cabine. De vez em quando, eu e meu irmão optávamos em ir na carroceria, mas meu pai tinha medo, já que a gente não batia bem da cabeça.

Toda vez que chegava e estacionava o caminhão em frente de casa, meu pai encostava umas pedras nos pneus da frente e de trás. Ele tinha medo que quando nós esti-

33 VEZES EM APUROS

véssemos na cabine, por um acidente qualquer poderíamos desengatar o caminhão, correndo o risco de alguma tragédia. Certa vez, ele chegou mais cedo, estacionou o caminhão em frente de casa e foi almoçar. Imediatamente eu e meu irmão corremos para o caminhão. Daquela vez, meu irmão correu na frente e assumiu o volante. Eu entrei também, mas fiquei do lado. E assim se passaram alguns minutos de brincadeiras. Lembro que pedi para meu irmão para ficar um pouco no volante, mas ele não deixou. Dizia que era a vez dele e que eu tinha que me contentar em ficar no banco do carona. Meu irmão deve ter viajado e imaginando-se estar dirigindo o caminhão, mexeu em tudo: Virava o volante de um lado para outro, pisava no freio, na embreagem, ligava os faróis e as lanternas, dava seta de um lado e de outro... Enfim, só faltava ligar o carro. Dito e feito. Naquele dia meu pai esqueceu a chave no contato e o pior de tudo, esqueceu também de colocar as pedras nos pneus. E de tanto forçar o cambio, meu irmão conseguiu desengatar o caminhão. Como não tinha as pedras, o caminhão começou a andar. Quando percebi, abri a porta do meu lado e pulei. Pensei: Vou correndo chamar meu pai. Meu pai já tinha almoçado e estava sentado debaixo de uma árvore no quintal da nossa casa. Eu cheguei gritando, chamando por ele, mas quando cheguei perto, meu desespero era tanto que eu não conseguia falar o que estava acontecendo. Tentava dizer o nome do meu irmão, mas não saía nada. Enquanto isso, o caminhão estava se movimentado, lentamente, até meu pai desconfiar que alguma coisa grave estivesse acontecendo, saindo correndo para a rua. Imaginem só a cena: Eu gago, desesperado, sem conseguir dizer o que estava acontecendo e meu pai na calçada gritando: *Cadê o*

caminhão, moleque? Onde está o seu irmão? E virando-se em direção a ladeira, avistamos algumas pessoas que estavam numa Venda e viram quando meu irmão passou “dirigindo” o caminhão. Correram e conseguiram Pará-lo. Depois, todos de olhos bem arregalados, refazendo-se de um grande susto, e meu irmão dando risadas, todo orgulhoso de si e dizendo para todo mundo que tinha dirigido o caminhão do meu pai.

03. >>> O sapato

Eu sempre fui um moleque levado. Chegava da escola, assistia “Os Mudos”, “O Zorro” e “Os Três Patetas”, fazia a lição de casa e depois ficava perturbando minha mãe, já que a molecada da rua só chegava às cinco da tarde para jogar futebol. Enquanto isso, minha mãe tinha os afazeres da casa e além de não ajudar em nada eu ficava atrapalhando: Chutava a bola de capotão suja de barro nas roupas do varal, derrubava os vasos das plantas e quando a bola caía no quintal da Dona Geni, eu ficava brigando com os cachorros para eles não furarem a bola. Outra travessura que eu sempre quis fazer, mas não conseguia, era pegar um gato vira latas que ficava aprontando no telhado e jogá-lo no tanque cheio de água. Uma vez eu quase consegui e pela expressão do gato, acho que naquele dia ele me jurou de morte! A minha mãe já não sabia mais o que fazer para eu parar de aprontar. Ela reclamava com o meu pai, mas meu pai vinha, dava uma bronca, mas no dia seguinte eu fazia tudo de novo. Daí então, minha mãe começou a arquitetar um plano. Acreditei nisso, pois de uma hora para outra ela parou de reclamar, de me puxar às orelhas e de me bater com o chinelo. Certo dia apareceu uma viatura da polícia na rua. Ela

andava de um lado para outro. Minha mãe foi até o portão verificar o que estava acontecendo e eu fui junto. Era apenas uma ronda normal, mas a minha mãe então começou a colocar em pratica o seu plano. Eu perguntei o que a polícia fazia andando de um lado para outro, várias vezes. Minha mãe então me disse que a polícia estava procurando o Homem do Sapato Quadrado. Perguntei o que era e minha mãe disse que esse tal de homem do sapato quadrado não gostava de crianças que faziam bagunça, que chutavam bola nas roupas do varal e que derubavam os vasos de plantas. Perguntei também como era aquele tal de homem do sapato quadrado e minha mãe disse que era um homem normal, mas que o bico do sapato dele era quadrado. Pois bem, aquilo passou, mas a descrição do tal de homem não saiu mais da minha cabeça. Então, naquele mesmo ano, no mês de dezembro e no dia Natal, eu estava andando na bicicleta que acabará de ganhar de presente do meu pai. Andamos de bicicleta o dia todo eu, meus irmãos e meus amigos. Quando chegou à noite, ficamos conversando no portão de casa. Em certo momento, resolvi dar uma volta sozinho. Quando me afastei um pouco do portão, percebi que o guidão da bicicleta estava torto. Então parei no portão de uma casa, um pouco longe da minha e tentei desentortar o guidão. Não estava conseguindo, quando então um homem disse: Quer que eu ajude você? Eu disse que não, que não precisava. Mas ele insistia em ajudar. Eu não o olhei, pois a minha maior preocupação era arrumar a bicicleta e voltar para casa. Mas ele insistiu tanto que eu respondi que sim, que poderia me ajudar. Enquanto ele tentava desentortar o guidão, o cachorro começou a latir sem parar, olhando para mim como se quisesse me avisar de alguma coisa.

33 VEZES EM APUROS

Mas eu peguei a bicicleta mesmo com o guidão torto e fui embora. Naquele momento, o cachorro parou de latir e vinha passando uma viatura da polícia. Foi quando os meus olhos foram em direção aos pés do homem e percebi que ele estava calçado com sapatos de bico quadrado. Não sei como, mas eu disparei na bicicleta e só parei quando entrei em casa assustado, ouvindo minha mãe perguntar:

Que aconteceu moleque?

Parece que viu o Homem do Sapato Quadrado!